

MORTE E LUTO NA ESCOLA: COMO LIDAR COM ESSA REALIDADE PÓS-PANDEMIA

Gleucimar Romana Faria¹

Resumo: Este trabalho tem como pressuposto apresentar a importância de se discutir e trabalhar o tema da morte e do luto na escola, tendo, como fator relevante, o contexto atual gerado pela pandemia do coronavírus- COVID 19. O foco principal desta pesquisa é apresentar possibilidades teóricas e práticas para a lida da questão, bem como instrumentalizar os gestores escolares para que, juntamente com os seus professores, possam abordar o tema da morte e do luto com naturalidade e de acordo com as orientações dos estudiosos da temática na área da psicopedagogia. A realização desta pesquisa, na atual conjuntura mundial, é de grande importância, pois oportuniza, aos educadores, proporcionar atividades e práticas que permitam que seus alunos falem sobre os seus sentimentos e emoções gerados pelas perdas envolvendo situações de morte e de luto. Assim, vislumbra-se amenizar o sofrimento e contribuir para que crianças e adolescentes sejam saudáveis, já que, quando não se fala de uma dor, ela quase sempre leva ao adoecimento. A fundamentação da pesquisa é de base bibliográfica junto aos principais teóricos que se debruçaram sobre a questão.

Palavras-Chave: Morte e Luto. Escola. Gestores e Professores. Covid-19. Crianças.

Abstract: This paper aims to present the importance of discussing and working with the theme of death and mourning at school, having, as a relevant factor, the current context generated by the pandemic of coronavirus- COVID 19. The main focus of this research is to present theoretical and practical possibilities for dealing with the issue, as well as to provide school managers with the tools to, along with their teachers, approach the theme of death and mourning naturally and in accordance with the guidelines of scholars in the area of psycho-pedagogy. This research, in the current world situation, is of great importance, because it gives educators the opportunity to provide activities and practices that allow their students to talk about their feelings and emotions generated by losses involving situations of death and mourning. Thus, we aim to ease suffering and contribute to children and adolescents being healthy, since, when grief is not talked about, it almost always leads to illness. The research is bibliographically based on the main theoreticians who have addressed the issue.

Keywords: Death and Mourning. School. Managers and Teachers. Covid-19. Children.

Introdução

O nascer e morrer são intrínsecos à condição do ser vivo, entretanto, a morte é, certamente, um dos grandes mistérios da vida e um dos maiores desafios a serem enfrentados pelo ser humano. Se o morrer é a ação contrária do viver, ele representa o ponto final de uma jornada de sonhos e esperanças, realizações e projetos, traduzindo a ideia de finalização ou de paralização das funções vitais do corpo humano. É o fechamento da vida temporal na dimensão histórica da corporalidade. Já, o luto, de *luctus*, no latim, pode ser compreendido como uma reação a uma impactante perda. É uma resposta ao que foi perdido e que se processa por meio de reações cognitivas, comportamentais, físicas e emocionais (CARVALHO, 2014, p. 05). O

¹ Universidade Vale do Rio Verde (UninCor). Mestra em Gestão, Planejamento e Ensino (2021), Especialista em Educação Especial e TGD (2019), Pedagoga (2018).

luto não se relaciona somente às situações de morte, mas é um fenômeno que acontece também quando se tem perdas de oportunidades, experiências que não voltam mais, grandes mudanças, fins de relacionamentos, mudanças de emprego e outras situações de rompimentos. Ainda de acordo com Carvalho (2014), o luto pode ser compreendido como “um processo adaptativo que se dá diante de uma perda significativa que pode ser real ou simbólica” (CARVALHO, 2014, p. 26).

A realidade da morte, em todos os tempos, culturas e civilizações sempre levantou interrogações para as quais a ciência, a filosofia e a religião procuraram encontrar respostas. O impacto da morte de um ente querido provoca uma reação emocional intensa, levanta questionamentos diversos e desperta sentimentos confusos. Este acontecimento é algo avassalador e que fere profundamente o enlutado, de maneira ainda mais contundente quando o enlutado é uma criança ou adolescente.

No mundo escolar, embora a morte faça parte do cotidiano dos estudantes, não se contempla no currículo essa temática. Há, no entanto, autores que justificam e defendem a inclusão desse tema nos currículos das instituições de ensino, considerando que este deva ser um fator educativo do espírito e que, conseqüentemente, proporciona ao educando uma consciência de si, percebe-se que o tema é quase sempre omitido ou tratado como tabu no cotidiano escolar, nem sempre encontrando espaço para ser enfrentado pelos alunos e pela comunidade escolar.

Esta pesquisa tinha inicialmente como pretensão contemplar toda a comunidade escolar, envolvendo professores e gestores escolares para saber mais sobre a questão. Entretanto, devido às dificuldades trazidas pela pandemia da Covid-19, no que se refere ao distanciamento social e à modalidade de ensino não presencial, a pesquisadora forçosamente teve que optar por contemplar em sua pesquisa de campo somente gestores de escolas, embora as questões teóricas sejam discutidas no âmbito não somente da gestão escolar, mas também da prática docente e na relação professor-aluno.

O luto nos tempos da Covid-19

A incerteza causada pelo momento nunca vivenciado ocasiona o luto não apenas pelas mortes, mas também por variadas perdas como: emprego, bens materiais, projetos, distanciamento, entre outras.

Devido ao distanciamento social exigido, qualquer despedida fica como um assunto inacabado, trazendo grande angústia e culpabilização. As restrições à realização de cerimônias

fúnebres não permitem que o enlutado expresse a dor da perda, o que dificulta a aceitação da morte ocasionando processos de lutos traumáticos, ou até quadros de ansiedade e depressão (TEIXEIRA, 2020).

Alguns fatores tendem a facilitar ou dificultar o processo de vivência do luto. A impossibilidade de despedidas e a não realização de rituais fúnebres trazem consigo a elaboração mais dolorosa do luto. O fato de os familiares enlutados não terem realizado a despedida que julgavam adequada, remete a uma sensação de irrealidade, impedindo-os de realizarem plenamente seu luto (DANTAS *et al.*, 2020).

O luto consiste em um processo de adequação à perda, abrangendo emoções, sensações e mudanças comportamentais (WORDEN, 2018). A pandemia tende a afetar o processo de luto de diferentes maneiras. Destaca-se o luto antecipatório, que é a preparação emocional em relação à perda. Para Worden (2013), o termo “luto antecipatório” se refere a um luto que ocorre antes da perda de fato, e é diferente do luto normal sentido pelo sobrevivente, que pode ser constantemente sentido, levando em conta a humanidade estar ante a iminência de viver situações desconhecidas e perdas constantes.

Entretanto, em um momento em que os rituais e o sofrimento são ocultados, o luto é vivido de maneira coletiva pela humanidade, que é bombardeada diariamente com informações maciças de números de mortes tornando todos mais vulneráveis.

O morrer nos dias de hoje

Falar sobre morte em decorrência do COVID pode gerar desconforto, sentimento de tristeza e incompreensão, principalmente pelo fato da morte ser algo intrínseco à existência humana. A própria relação com a morte foi se modificando ao longo do tempo. Outrora, ela era vivenciada dentro de casa, as pessoas adoeciam e eram tratadas no seio de sua família até morrer. Isso tornava o relacionamento com a morte direto e, talvez, até mais doloroso (KOVÁCS, 1992).

Essa relação com a morte já não é mais tão direta assim, as pessoas geralmente morrem em hospitais nas Unidades de Terapias Intensivas (UTIs), assistidas por equipamentos e profissionais especializados em tratamentos que podem retardar o momento da morte. Esses profissionais acabam atuando de modo a amenizar o contato direto entre a morte e o enlutado (KOVÁCS, 1992).

O morrer e os rituais funerários, mais uma vez, ao longo da história, passaram por uma resignificação. Atualmente, com a vivência da pandemia e suas consequentes perdas, em

massa, de vidas humanas e o risco alto de contágio entre as pessoas, as despedidas tornaram-se mais difíceis e distantes entre o infectado morto e seus familiares. Como é possível perceber, os rituais funerários mostram como uma sociedade lida com a morte e, nesse sentido, o funeral é fundamental para que as comunidades consigam seguir a vida e assimilem o momento imposto pela morte (SOUZA; SOUZA, 2019).

Com novas mudanças causadas pela pandemia, a despedida de um ente querido tornou-se privativa, pois, ao constatar a morte pelo vírus, o velório e o sepultamento ocorrem rapidamente, com nenhum ou pouco contato com familiares e amigos. Com o distanciamento social, a sociedade tornou-se ainda mais individualista. Por mais que o luto seja vivenciado por todos, suas fases tornaram-se mais solitárias e difíceis de serem enfrentadas.

Na cultura ocidental, os rituais funerários são consolidados na presença do corpo, que pode, pela última vez, ser contemplado, pois, a ideia de ver o corpo morto, traz a percepção de que enterramos a pessoa correta e dá concretude à morte. A imposição dessas limitações aos rituais de despedida de acometidos pela COVID-19 é caracterizada pelos caixões lacrados e por pessoas que não podem ser contempladas em seu leito de morte e despedida. Sendo assim, as famílias que tenham enterrado seus entes queridos pelo Coronavírus, têm em vista a execução de um ritual incompleto, que nunca se despediram de maneira digna daqueles que tanto amaram (DANTAS *et al.*, 2020).

Diferentes culturas percebem que a “má qualidade de morte” ou a falta de preparação para tal, com falecimento em leitos de UTI e isolamento, impedem que os membros das famílias tenham conversas que facilitem o processo de despedida. Isso causa nos familiares a sensação de culpa por não proteger seu ente querido (CARR; BOERMER; MORRMAN, 2020).

Conceito de morte na criança

Ao nascer, o bebê já entra em processo de desenvolvimento, portanto, sua mente acompanha este processo. Ao abrir os olhos, o bebê cria a realidade de seu mundo e estabelece noções sensoriais, afetivas e cognitivas. No entanto, enquanto bebê, este mundo é relacionado à vida uterina, ou seja, um paraíso onde ele tem suas necessidades atendidas. Aos poucos, este novo ser percebe que há necessidades, sofrimentos e, também, alegrias. Para Torres (2012), o fato de poder enxergar a finitude, sua mortalidade, será sua maior ferida, a qual carregará para sempre. É neste momento, portanto, que a criança, antes bebê, descobre que é apenas um homem, suscetível, sensível, mortal.

VARIA

Diante do exposto, o conceito de morte para a criança, em consonância com o pensamento de Torres (2012), é descrito conforme a idade cronológica. Torres (2012) utiliza-se desta idade para focalizar o conceito de morte na criança seguindo o critério de desenvolvimento, a idade cronológica e o nível cognitivo, totalizando três etapas. São elas: Etapa 1, a criança de até 5 anos; Etapa 2, a criança entre as idades de 5 a 9 anos; e Etapa 3, a criança acima de 9 anos.

A etapa 1 descreve que a criança de até 5 anos percebe a morte como gradual e temporária, não a categorizando como irreversível. Segundo Torres (2012), a criança nesta etapa atribui à morte o significado de algo impossível, já que não tem noções de possibilidade de não vida.

A etapa 2 corresponde à criança entre 5 e 9 anos, em que o pensamento já possibilita a compreensão da morte como um acontecimento irreversível. Para Torres (2012), nesta fase existe uma forte tendência para personificar a morte, porém, a criança ainda não a enxerga como inevitável.

Na etapa 3 que corresponde à criança acima de 9 anos, Torres (2012) afirma que ela reconhece a morte como inevitável e sendo a causa da interrupção das atividades do corpo.

A morte é entendida como um processo que ocorre em todos os seres vivos e cujo resultado perceptual é a dissolução da vida do corpo. À medida que a criança compreende a morte como um processo que se espera dentro de nós, ela realiza sua natureza universal (TORRES, 2012, p. 29).

Para Paiva (2011), desde cedo a criança vivencia situações que lhe permitem criar uma noção da morte. Segundo ela, pode-se afirmar que a criança percebe a morte de forma diferente do adulto, de acordo com a faixa etária e condições cognitivas.

Observa-se que as crianças têm diferentes maneiras de vivenciar a morte e encará-la e que esse fato pode ser agravado conforme o grau de parentesco ou de proximidade com a pessoa que veio a falecer.

Os impactos da morte de pessoas muito próximas, como os pais, avós e demais parentes, pode ser um agravante para algumas crianças. Segundo Pangrazzi (2009), é possível citar alguns fatores:

- Morte do progenitor de maneiras bruscas, como suicídio ou homicídio
- Perda da mãe, para crianças menores de 11 anos; e do pai, para os adolescentes.
- Não receber apoio familiar ou em outros âmbitos de existência da criança.
- Ambiente familiar oscilante.
- Desmedida dependência do progenitor que ficou.
- Uma relação desordenada com o progenitor falecido.

VARIA

Com isso, a compreensão de sentimentos muda de acordo com cada criança. As reações emotivas podem ser parecidas com as de um adulto, mas normalmente correspondem a tristeza, culpa, pensamentos mágicos ou fantasias. O sentimento de culpa é retratado por questionamentos frequentes como: “Fui eu o causador da morte?”, “Acontecerá também comigo?” e “ Quem tomará conta de mim, agora?” (PANGRAZZI, 2009).

Em conformidade com a temática, serão explicitadas aqui algumas orientações para lidar com crianças enlutadas, a partir da premissa do momento vivido. De acordo com Bolaséll *et al.* (2020, p.13), ressalta-se o quadro abaixo com algumas dicas para conversar com crianças em situações de morte e luto:

1. Vá direto ao assunto, informe apenas o necessário para compreensão da criança.
2. Quando for conversar com a criança procure se abaixar.
3. Permita que a criança faça questionamentos e fale sobre o assunto quando desejar.
4. Dizer à criança que ela não tem culpa pelo que aconteceu.
5. Fique disponível para conversar sobre o assunto.
6. Permita-se chorar na frente da criança, pois ela irá se espelhar e também demonstrará seus sentimentos.

Quadro 1 - Dicas para ajudar crianças enlutadas. (apud BOLASELL *et al.*, 2020 – adaptado pela autora).

Além disso, conforme Edirrah Soares (2013) salienta, é preciso conversar com a criança sobre a morte e esclarecer seus possíveis questionamentos, explicando que a morte é um processo natural da vida humana. A escola, por sua vez, deve oferecer apoio ao aluno enlutado, trabalhando o assunto de maneira lúdica, com histórias, filmes e, sempre, a oportunidade de falar sobre o assunto.

Ao ajudar a criança enlutada, é necessário que seja dita a verdade, de maneira simples e direta. A participação nos rituais fúnebres é importante, se a criança se sentir à vontade para participar, deixe-a participar. Dessa forma, ela observará as condolências dos outros e poderá, assim, assimilar seus próprios sentimentos (PANGRAZZI, 2009).

Citamos a seguir algumas sugestões de Soares (2013) para facilitar a abordagem da perda em escolas utilizando filmes:

1. O enigma das cartas – que trata da história de uma menina que perdeu o pai e que tem seu luto interdito.

VARIA

2. Tomates verdes fritos – trata de uma menina que perdeu quem mais amava e um menino que perdeu o braço.
3. Caminhando nas nuvens- trata da perda de um negócio familiar.
4. Meu primeiro amor – trata de uma menina que, muito cedo, conhece a dor da perda.
5. A Bela e a fera – aborda uma história de perda de beleza e o começo de um grande amor.
6. Babe, o porquinho atrapalhado – um porquinho que vive grandes aventuras, mas que sente muita falta dos seus amigos quando são roubados.

Considerações finais

O principal objetivo desta pesquisa foi tentar compreender como é abordado o luto infantil dentro do contexto escolar por meio de levantamentos teóricos.

Assim, salienta-se a importância das relações familiares e escolares como contribuição para a vivência deste processo. Por isso, faz-se relevante que a escola constitua uma rede de apoio para os estudantes enlutados.

Após as reflexões apresentadas nas seções anteriores notou-se que luto, família e escola precisam ser considerados de modo indissociável e indispensáveis e devem ser paralelamente trabalhadas quando a criança se encontrar em profunda tristeza causada pela perda de alguém muito querido.

Ao levantar a questão sobre educar as crianças para a morte encontrou-se suporte teórico para a inclusão de reflexões e práticas relacionadas à educação para morte, mas é preciso entender que não é somente buscar apoio e suporte técnico para lidar com questões delicadas como o luto infantil, é importante que o professor se encontre preparado para as situações diversas, possíveis questionamentos e expressões exacerbadas de emoções, buscando equilíbrio entre o bom senso e seu comportamento psicológico.

Apesar de o apoio ser algo importante é válido ressaltar que o luto é sempre um processo subjetivo e que possui estágios que devem ser respeitados, já que cada pessoa possui suas particularidades. Entretanto, o luto pode ser complicado e durar mais tempo do que o devido para sua saudável elaboração, o que compromete a saúde mental do sujeito, acarretando danos às dimensões físicas, psíquicas e sociais. O luto é um processo de adaptação a uma perda e pode ser longo, dolorido, somente amenizado com o tempo e o apoio de pessoas próximas.

Na análise do assunto evidenciaram-se as seguintes situações que aqui tentamos reunir enfeixando-as de maneira mais didática possível:

VARIA

- A maioria das escolas ainda não dão importância ao tema e não registraram iniciativas interventivas a respeito da temática;
- Raramente, são encontrados relatos de pessoas que afirmam estar preparadas psicologicamente para lidar com a morte e com as dores que ela causa nos indivíduos. Da mesma forma, os educadores deveriam considerar se estão realmente preparados para apoiar, incentivar e trabalhar com educandos que estejam limitados psicologicamente por traumas como o luto, para não incorrerem em possíveis falhas.
- Observou-se, também, que a morte está sim muito presente no ambiente escolar e que o professor pode se apoiar em alguns recursos para abordar a temática em sala de aula com seus alunos, estando eles de luto ou apenas como uma forma de prevenção;
- Notou-se, através das leituras realizadas até o presente momento, que o luto pode ocorrer em qualquer fase do desenvolvimento humano. Para as crianças, especificamente, ele é extremamente delicado, porque, ao contrário do que muitos pensam, criança também fica de luto;
- Embora a escola seja uma rede de apoio aos seus estudantes enlutados, muitas delas ainda não dão a devida importância ao tema.

Diante disto, deparamo-nos com o questionamento sobre como a escola pode oferecer apoio às crianças enlutadas. Entende-se que é importante falar em prevenção, investindo, assim, na capacidade da escola como um todo de encarar a dor em situação de morte e outras perdas. As pessoas têm a ideia de que escola é um ambiente de vida, de crescimento e desenvolvimento, mas a escola não está isenta de enfrentar a morte como um problema rotineiro. É necessário que a equipe escolar tenha condições para agir no enfrentamento do luto, esteja ele direta ou indiretamente ligado a seu cotidiano.

Referências

- CARVALHO, Francisco de Assis. *Entre a morte, a palavra e o chão: memória, sentimento e luto nos cemitérios de São João Del Rei*. 2014.175f. Tese (Doutorado em Psicologia Clínica) PUC-SP, São Paulo, 2014.
- TEIXEIRA, Ana. O luto na era COVID-19. *Portal Saúde Bem-Estar. Blog [online], Caderno de Psicologia*, 2020.
- DANTAS, Clarissa de Rosalmeida *et al.* O luto nos tempos da COVID-19: desafios do cuidado durante a pandemia. *Rev. Latino-americana de psicopatologia fundamental*, São Paulo, v. 23, n. 3, p. 509-533, set. 2020. Disponível em

VARIA

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-47142020000300509&lng=pt&nrm=iso)

47142020000300509&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 abr. 2021.

CARR, D.; BOERNER K.; MOORMAN, S.. Bereavement in the Time of Coronavirus: Unprecedented Challenges Demand Novel Interventions. *Journal of Aging & Social Policy*, v. 32, n. 4-5, 425-431, 2020.

KOVÁCS, Maria J. *Morte e desenvolvimento humano*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

SOUZA, C. P.; SOUZA, A. M.. Rituais fúnebres no processo do luto: significados e funções. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35, e35412. Epub July 04, 2019.

WORDEN, J. William. *Terapia no luto e na perda: um manual para profissionais da saúde mental*. 4. ed. São Paulo: Roca, 2013.

TORRES, Wilma da Costa. *A criança diante da morte: desafios*. 4. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2012.

PANGRAZZI, Arnaldo. *Conviver com a perda de uma pessoa querida*. Trad. Floriano Tescarolo. .3 ed. São Paulo: Paulinas Editora, 2009.

PAIVA, L. E. *A arte de falar da morte para as crianças*. São Paulo: Ideias & Letras, 2011.

BOLASÉLL, L. T. *et al. O processo de luto a partir das diferentes perdas em tempos de pandemia*. Porto Alegre: PUCRS, 2020.

SOARES, Edirrah Gorett Bucar; MAUTONI, Maria Aparecida de Assis Gaudereto. *Conversando sobre luto*. São Paulo: Ágora, 2013.